

LISBOA SUBTERRÂNEA



Electa

Museu Nacional
de Arqueologia

Lisboa
Capital Europeia
da Cultura '94

194

114 Espátula

Ca. 2500 anos a.C.

Calcolítico Pleno

138 x 34 x 2 mm

Cobre

Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)

Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), n.º LC/93/EV/C2.

Espátula de cobre, martelada, com extremidade arredondada. Peça recolhida em 1992, em pequena unidade habitacional, juntamente com uma adaga de cobre, LC/93/EV/C2.

Bibliografia: CARDOSO, 1989.

JLC

115 Anzol

Ca. 2500 anos a.C.

Calcolítico Pleno

61 x 26 mm

Cobre

Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)

Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), n.º LC/86/A1/C2

Anzol de cobre martelado, sem barbela, de secção quadrangular.

Peça recolhida em 1986, em lareira de pequena unidade habitacional.

Bibliografia: CARDOSO, 1989.

JLC

Comentário ao sítio arqueológico de Leceia (Oeiras)

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido do mundo científico desde 1878, ano em que foi publicada uma extensa e bem elaborada monografia (RIBEIRO, 1878), reeditada recentemente pela Câmara Municipal de Oeiras, anotada e comentada pelo signatário.

Apesar de, desde 1963, estar classificado como «Imóvel de Interesse Público», em 1983 corria o risco de desaparecer, caso fosse aprovado um plano de urbanização para o local. Tal situação derivava da indefinição cartográfica da área arqueológica.

Com o objectivo de averiguar o seu real interesse, motivado pelo estudo de uma colecção de peças arqueológicas ali recolhidas (CARDOSO, 1980-81), efectuaram-se escavações, naquele ano.

Os resultados obtidos justificaram o prosseguimento dos trabalhos de campo, a delimitação de Zona *non aedificandi*, e da respectiva

Zona de protecção especial envolvente, em 1986. Mercê dos apoios concedidos pelo então IPPC e, sobretudo, pela Câmara Municipal de Oeiras, a quem se fica a dever, em grande parte, o êxito alcançado pelos trabalhos de campo e de gabinete, foi possível realizar escavação em extensão que ultrapassa, volvidos dez anos de trabalhos de campo (1983-1992), a área de 3000 m². Demonstrou-se a importância excepcional, tanto científica como patrimonial, deste povoado pré-histórico (CARDOSO, 1989). Desde 1988, com o apoio das duas entidades referidas, decorrem acções de restauro das estruturas arqueológicas postas a descoberto, bem como o arranjo paisagístico da zona envolvente. Tais preocupações inserem-se na estratégia de recuperação total deste arqueosítio, justificada pela proximidade de importantes aglomerados urbanos e acessibilidade. Trata-se, afinal, de transformar um património inerte num sítio aprazível, susceptível de viabilizar a sua própria manutenção. Em Leceia estão representadas diversas fases culturais, separadas ou não por curtos hiatos de abandono, que poderiam não ter sido totais, correspondendo a mais de mil anos de ocupação.

A primeira fase cultural integra-se no final do Neolítico Final da Estremadura, situável em Leceia na segunda metade do 4.º milénio a.C. Corresponde à instalação de um vasto povoado aberto, sobre toda a plataforma rochosa; ao nível do espólio cerâmico avultam taças carenadas e vasos de bordos denteados. Embora não se tenham identificado, até ao presente, estruturas defensivas, a escolha de local com condições naturais de defesa pressagia a existência de potenciais situações de conflito, arqueologicamente não detectáveis até esta altura. A acumulação de excedentes agrícolas, proporcionada pela



115

melhoria das tecnologias de produção (designadamente o aproveitamento da força animal), terá contribuído para a diferenciação de grupos, que estariam na base da instabilidade social, tão bem documentada na Estremadura e em Leceia, ao longo do 3.º milénio a.C. Efectivamente, logo no início do Calcolítico Inicial, situável em Leceia próximo do início daquele milénio, constrói-se uma poderosa fortificação, organizada em três linhas defensivas, construídas por muralhas defendidas do lado externo por bastiões e ocos semicirculares, voltada para os quadrantes de norte, já que, a nascente e a sul, uma escarpa natural assegurava a defesa. A construção deste complexo dispositivo ter-se-á efectuado em prolongado intervalo de tempo. Na fase construtiva mais antiga, evidenciam-se diversos tipos de aparelhos, que sugerem tal conclusão. Porém, ter-se-á sugerido pela coerência interna do conjunto e respectivas indicações estratigráficas.

As construções da fase calcolítica mais antiga assentam, ou no substrato rochoso, então aflorante, ou na camada do Neolítico Final. Correspondem a um aparelho de muito boa qualidade, em que os blocos calcários – alguns ultrapassando 2 t – eram ligados

por argamassa margosa, também obtida localmente. Utilizaram-se, pontualmente, blocos basálticos, obtidos nas proximidades, talvez para provocarem contrastes cromáticos com os seus homólogos calcários. As duas fases construtivas seguintes, ainda pertencentes ao Calcolítico Inicial denotam, pelo progressivo reforço das estruturas preexistentes, a manutenção de situação de instabilidade social. Alguns bastiões são reforçados, o mesmo acontecendo a panos de muralha, com a finalidade de possibilitarem o seu alteamento; do mesmo modo, algumas entradas são prolongadas, ao mesmo tempo que outras sofrem redução em largura. Tais alterações, que se integram em remodelações gerais de todo o dispositivo defensivo, e não em simples obras pontuais feitas ao sabor das circunstâncias, consubstanciam a hipótese de planos gerais de reconstrução, tal como o plano inicial. Não obstante as prementes necessidades defensivas, é nítida a degradação da qualidade construtiva: as estruturas, além de mais pequenas e irregulares, são de menor solidez (blocos menores e argamassa de pior qualidade), prenunciando o início do declínio do povoado.

As três fases construtivas referidas correspondem a uma fase cultural – o Calcolítico Inicial da Estremadura – sobretudo caracterizada pelo espólio cerâmico: trata-se de cerâmica «canelada», em que decoração de ténues caneluras se aplicou em duas formas de recipientes principais: os «copos» e as taças, estas, aparentemente, sobreviventes àqueles. Ao nível do restante espólio, observa-se a qualidade do talhe bifacial de certos artefactos, desconhecidos no espólio do Neolítico Final – pontas de seta mitriformes e lâminas ovóides de retoque cobridor – sendo de salientar a ausência de objectos metálicos.

A fase cultural seguinte representada em Leceia, com início ainda no decurso da primeira metade do 3.º milénio a.C. – o Calcolítico Pleno da Estremadura – é marcada pelo declínio das construções defensivas e habitacionais, integrando apenas uma fase construtiva. As primeiras são praticamente inexistentes; as segundas, em geral de carácter muito precário aproveitaram, frequentemente, estruturas preexistentes, contrastando com as da fase cultural anterior. Algumas das estruturas defensivas encontravam-se em ruínas ou mesmo destruídas até aos alicerces, como indica a sobreposição de algumas delas por unidades habitacionais desta fase. Ao nível do espólio é, ainda a cerâmica, o elemento mais característico desta fase cultural, com as decorações em «folha de acácia» e em «crucífera», aplicadas a recipientes de forma variada, onde predominam os grandes esféricos, ditos «vasos de provisões». A metalurgia do cobre faz a sua aparição, generalizando-se rapidamente; estão representados machados, sovelas, punções, escopros, facas, espátulas, punhais e anzóis. A abundância do espólio, incluindo o metálico, constituindo objectos quase de luxo, cuja matéria-prima seria, necessariamente, importada, indica comunidade com assinaláveis recursos, mas cujas necessidades de defesa – que marcaram a vivência das gerações anteriores – já não se faziam sentir, ao menos de forma tão avassaladora, no entanto, existiriam por certo conflitos; a presença de restos humanos insepultos, na área habitada, parece comprová-lo (CARDOSO *et al.*, 1991). O espaço habitado centrou-se na área situada entre a segunda e a terceira linhas defensivas, na zona nuclear do povoado mais antigo. As preocupações com a sua questão e a salubridade estão

demonstradas pela construção de duas lixeiras estruturadas, na zona exterior ao espaço ocupado.

Estão documentadas todas as actividades económicas já observadas no Calcolítico Inicial. A agricultura está representada por mós, elementos elípticos de foice, lajeados circulares: eiras, pesos de tear para a tecelagem (do linho?); uma horticultura, incipiente, aproveitando as margens aluvionares da ribeira de Barcarena, eventualmente recorrendo a processos de rega primitivos, encontra-se sugerida pela presença de sachos de pedra polida. A criação de gado está documentada, desde o Neolítico Final, por restos de ovicaprinos, suínos e bovinos; o aproveitamento secundário do leite (para o fabrico de queijo) e das peles, encontra-se também comprovado pelo espólio. A caça do veado, javali, coelho e, mais raramente, do auroque e do urso encontra-se também demonstrada. A recolha de moluscos, na costa adjacente, a cerca de 4 km, denota, pelas espécies presentes, a intensa exploração de biótopos variados: litorais arenosos e rochosos, mas também vasosos, existentes mais a montante. Por fim, a pesca, no estuário, utilizando embarcações primitivas, está documentada pelos restos ictiológicos e pela recolha de grande anzol, de cobre. Tratava-se, portanto, de comunidade explorando exaustivamente os abundantes e diversificados recursos naturais disponíveis no espaço envolvente. Foi, por certo, tal abundância, corporizada por excedentes, que permitiu às sucessivas gerações o estabelecimento de trocas comerciais conducentes ao aprovisionamento de matérias-primas «estratégicas», por exemplo rochas duras indispensáveis ao fabrico de artefactos de pedra polida (machados, enxós, goivas, escopros, sachos, etc.), provenientes do Alentejo, para além de materiais «de prestígio», utilizados na confecção de adornos, como contas de minerais verdes e alfinetes de cabelo de marfim, matéria-prima só disponível a partir do Norte de África. Tais trocas, indicam, não que Leceia tenha funcionado como «lugar central» vocacionado para o comércio, mas simplesmente as possibilidades económicas dos seus habitantes. O abandono definitivo do local deve ter-se verificado no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C., antes da eclosão das cerâmicas campaniformes na região; em Leceia, tal como noutros povoados da Baixa Estremadura, é o «estilo internacional» que predomina, mas a escassez destes materiais sugere que o local seria, apenas, ponto de passagem esporádica de pequenos grupos humanos, sem ser ocupado em permanência. Em resumo, ao longo de cerca de mil anos observamos em Leceia a fixação de uma comunidade progressivamente mais complexa, explorando exaustivamente os recursos de toda uma região envolvente; foi a riqueza ali naturalmente disponível, associada à melhoria progressiva das próprias tecnologias de produção que esteve na origem de trocas de produtos e matérias-primas com outras regiões. Tais relações extravasam o mero quadro comercial para se afirmarem ao nível da introdução de novas tecnologias: a generalização da metalurgia do cobre (minério desconhecido na região), bem documentada em Leceia, é disso prova. Mais ainda, tiveram a expressão em aspectos arquitectónicos e ao nível, mais abstracto, da superestrutura mágico-religiosa e, portanto, ideológica desta sociedade – como se conclui pelos «ídolos» e «amuletos» recolhidos – indicando a filiação desta comunidade em um mundo cultural de raiz mediterrânica, do qual fazia parte integrante. JLC